



Manilha

Das numerosas e riquissimas colonias que a Hespanha outr'ora possuia em ambos os hemispheros poucas hoje lhe restam, poucas, mas invejandas, porque duas pelo menos são verdadeiramente a flor e a nata do vasto imperio colonial, que outr'ora reconhecia como senhores os netos de Carlos V, ou os netos de Luiz XIV.

Essas duas colonias, pela posse das quaes trocaria a Inglaterra uma boa porção do seu territo-

rio indiano, esses dois diamantes, arrancados do esplendido diadema das duas Indias, quando esse diadema rolou por terra, sem o poderem reter as debeis mãos de Fernando VII, esses dois pedaços de purpura que a Hespanha pôde guardar quando os republicanos do Novo Mundo dividiram entre si a tunica immensa das vice-realezas americanas são a ilha da Cuba, nas Antilhas, e o archipelago das Philippinas, nos mares asiaticos.

Cubiçados por duas grandes ambições, estas verdadeiras andaluzas dos tropicos embalam-se docemente no berço de espuma que o mar lhes forma em roda, e coqueteiam com os leques das suas palmeiras, com a alva cinza e o azulado fumo dos seus magnificos regalias, levando os olhos, a Havana dos republicanos dos Estados Unidos, Manilha dos inglezes das Indias, sem que estas consigam seduzil-as, e sem que as gentis creoulas queiram trocar pela bandeira estrellada ou pelo vermelho estandarte do leopardo, o pendão castelhano que entrega com ufania á brisa as suas prégas de ouro.

A administração hespanhola nunca foi daquellas que dão vida aos cadaveres, e que levantam a um gráo inaudito de riqueza os paizes que encerram em si grandes elementos de prosperidade, mas tão ricas fizera a natureza estas duas colonias que, apesar de todos os embaraços governamentais, de todos os emperramentos das molas administrativas, Cuba e as Philippinas prosperaram de um modo incrível, e são hoje aquella o diamante do golpho mexicano, estas o colar de perolas dos mares do Oriente.

As capitaes destas duas colonias são de Cuba a formosa e opulenta cidade de Havana, das Philippinas a não menos linda e não menos rica cidade de Manilha. É esta ultima a que a nossa gravura representa.

Dois nomes caros aos fumistas. E na realidade o tabaco é uma das fontes da grande prosperidade destas duas cidades. Os charutos, filhos perfumados de Havana e de Manilha, vão espalhar pelo mundo o nome e a gloria da sua patria. A gloria? Sim: a gloria é fumo, dizem os philosophos.

Formam as Philippinas um grupo de ilhas situadas na extremidade nordeste do archipelago das Indias Orientaes. A principal é a ilha de Luzon, que tem 1356 myriametros quadrados e perto de tres milhões de habitantes, em quanto o resto do archipelago, composto de mais de um milhar de pequenas ilhotas, e de tres ou quatro ilhas maiores, não tem mais de 1111 myriametros quadrados, e perto de dois milhões de habitantes. Na ilha de Luzon é que fica Manilha, capital, residencia do governador e dum arcebispo, com mais de cento e cincoenta mil almas. Representa a nossa gravura o lindissimo panorama dessa graciosa capital, que se debruça á beira do Oceano, e que e ao mesmo tempo cingida por um rio, o Passig, cujas aguas servem de fossos ás fortificações da cidade.

Todas estas ilhas fazem parte do grande cinto de volcões, que rodeia a costa oriental da Asia. Esta origem aterradora, se as expõe a frequentes tremores de terra e se suspende sobre a sua cabeça, como a espada de Damocles, a ameaça perpetua duma subversão do Oceano mais ou menos remota, dá em compensação ao solo dessas ilhas uma fertilidade inaudita, e cobre-as com essa vegetação luxuriante e ardente que é apanagio a um tempo das terras situadas nos tropicos, e das que nasceram no berço fervido dos volcões.

Ali, os furacões são frequentes, e terriveis. O vendaval dos tropicos assume um caracter devastador; mas a natureza, como a lança de Achilles, poz o remedio ao lado do mal. Se nas suas costas semeou as tempestades, em compensação abriu nellas innumeras portas e enseadas magnificas, que offerecem um abrigo seguro aos navios açoiados pelo volcão. Juntae a isto uma inaudita riqueza vegetal; plantações vastissimas de assucar, de canamo, de magnifico tabaco; florestas copadas de madeira de tinturaria, e d'ebano, arrozaes extensos, cafezaes opulentos; pensae que ainda que as planicies humidas sejam doentias, em geral o clima é optimo; que nas suas altas montanhas existem riquezas mineraes, ainda hoje desprezadas, tão productiva é a agricultura; lembra-vos que a emigração chineza, essa torrente de actividade e industria que vae todos os annos espalhar a vida nas terras asiaticas, afflue ás Philippinas como a um dos territorios mais susceptiveis de exploração, e podeis facilmente imaginar quaes são as causas da grande prosperidade desta colonia, e da sua importancia para a Hespanha.

Essa importancia traduz-se no seguinte facto: em 1836 os rendimentos da colonia subiam a 4:604:000 rupias, as despezas a 3:132:000. Dahi resultava um excesso de 1:472:000 rupias que o thesouro da metropole auferia annualmente dessa importantissima colonia.

M. PINHEIRO CHAGAS.

EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 51)

V

Os encyclopedistas do seculo passado, prégando o individualismo, como esteio unico e perduravel da liberdade; exemplificando a sua cathese com a redacção da *Encyclopedia*, na qual cada um ficou com a sua feição distinctiva, mataram a philosophia, que é o tronco da arvore das sciencias, ponto donde todas divergem, e para onde todas convergem pelo ascenso e descenso da seiba, que a todas providamente alimenta.

O individualismo era, é e será sempre uma necessidade, quando a liberdade houver de hastear-se como lábaro sacrosanto no meio do despotismo.

O individualismo, naquella época de descrença, em que o sarcasmo e a ironia substituíam a argumentação, em que Voltaire era rei absoluto, porque personificava a gargalhada cynica; o individualismo foi um bem providencial. Socialmente, gerou a revolução, a sancção dos sagrados direitos do homem; scientificamente matou o espirito de seita, o qual é para a sciencia o que a casta é para a sociedade.

O homem entregue a si mesmo e aos proprios recursos, no meio de uma sociedade egoista, e madrasta, lueta com mais fé e valentia, porque lueta *pro domo sua*, pela liberdade e pelo berço, pelo tecto aonde nasceu, pelo tumulo aonde ha de dormir o somno eterno.

Dahi veio que Diderot, e com elle toda a Encyclopaedia, incluindo o proprio Rousseau, accetaram a philosophia de Locke.

O que resultou do grande movimento imprimido pela Encyclopaedia? Muitos progressos e nenhuma philosophia; muita analyse e nenhuma synthese; muitos factos e nenhum methodo.

O movimento foi grandioso. As velhas theorias foram violentamente abaladas; e caíram em terra sacudidas por esses cyclopes, por esses Encelados potentes que, revolvendo-se, abriram volcões, em cujo ambito abrasado sumiram-se todos os despojos da sociedade antiga.

A voz tribunicia que clamava rouca e delirante, como a ave negra que sulca os ares e solta os gritos preságos da tormenta, a essa grande voz, tudo tremeu, tudo caio, e tudo renasceu das cinzas.

Artes, sciencias, instituições, leis, costumes, tudo caminhou impellido pelo delirio revolucionario, delirio, não de menade irritada, senão de pythonisa inspirada.

Os progressos foram immensos. De toda a parte, como se o terramoto houvesse centuplicado as forças creadoras, surgiram homens verdadeiramente grandes, homens de outra craveira.

Todos os que respiraram essa atmospha de fogo, desde 1789 até 1813, revolucionarios e filhos de revolucionarios, todos tem estampado na fronte o signal da realza intellectual, a serenidade do apostolo, e a ruga profunda do pensador cheio de nervo e valentia.

Depois, aplacada a tormenta, oppresso o titão pelo joelho da Inglaterra, debalde se congregaram os reis divinos e os cortezaos accommodaticios.

As blandicias de uns e aos exercitos de outros respondia o povo com um rugido. Só ruge o povo e o leão.

Quem podia calar a voz do individualismo, que se ouvia por toda a terra, clamorosa, impavida, fatal?

Quinze annos correram assim. De um lado o trabalho continuo da reconstrucção social fundada na liberdade; do outro a compressão e a asphixia.

Um dia ergueu-se a França, e os Bourbons baquearam. A Europa alevantou-se tambem: foi sangrenta a lucta, contumaz e porfiosa.

Até então a philosophia, como um navio batido pela refréga, caminhará desnorçada e sem rumo.

Sabios, poetas, artistas, toda essa pleiade brilhante, que ainda hoje domina o seculo, tudo corria, como os caminheiros da lenda. Não mediam espaço e tempo. Não olhavam para traz; só tinham olhos para o futuro.

Por isso é para ver o immenso progredir durante esse periodo! Eram passadas de gigante!

Todo aquelle movimento semelhava a carreira phantastica da Mazeppa, que o grande Byron acabava então de cantar.

O seculo, chegado ao primeiro quartel, envergára a toga viril. As suas feições estavam formadas; pronunciados os seus caracteres.

A sciencia e a arte chegaram ao apogeu da gloria. O genio tivera a sua sagração.

Mas a tripode augusta estava incompleta. A philosophia, força sympathica que une a arte á sciencia e forma o triangulo symbolico, andava transviada.

Na Allemanha, porém, ficára a tradição; ahi, aonde o estudo do homem não absorvera totalmente a intelligencia; ahi, aonde a força compacta e unida era necessaria para afugentar e debellar a dominação estranha; ahi, sim, a humanidade havia de ter os seus cultores, porque a philosophia é a sciencia da humanidade.

Kant conservára acceso o fogo sagrado, e os nomes de Fichte, Schelling, Hegel, Strauss são tão gloriosos, que bastam para tornar immortal a pensadora Allemanha.

Em França foi Lamennais, o inspirado bretão, quem primeiro ergueu a voz.

Deus passára quasi ao estado de mytho, tão longe, tão inacessivel o havia collocado a philosophia do seculo XVIII.

O velho deismo de Diderot e Rousseau e o atheismo de Voltaire, de d'Alembert e de d'Holbach, haviam afastado o Creador para as sombrias estancias do infinito. Deus era um idolo, *qui avait fait son temps*; um santo carunchoso, que qualquer sacristão de aldeia podia, sem escrupulo, lançar nas criptas da sacristia, de envolta com os velhos paramentos.

Era pois necessario collocar a ponte, que ligasse o céu com a terra, embora fosse tão aguçada e cortante como a que Mahomet imaginou á porta do gyncecu, aonde vivem as suas huris paridisiacas.

Como encher a soluçao da continuidade entre Deus e os homens? Havia dois meios, que a mechanica ensina, que a logica recommenda. Ou approximar Deus dos homens, ou a creatura do Creador. Ou reconstruir o mundo *à priori* ou *à posteriori*.

Approximar Deus dos homens é o idealismo; approximar a creatura do Creador é o pantheismo.

Dahi a grande divisao da philosophia moderna.

O idealismo, apregoado por Lamennais, gerou o materialismo de Proudhon, quando combinado com as doutrinas phalanstericas de Saint-Simon, e com a theoria dos quatro movimentos de Fourier.

Do mesmo modo o pantheismo de Hegel, ficou idealista, ou tornou-se materialista, conforme interveio ou não o sãosimonismo.

Tal foi o resultado do movimento repentino da philosophia depois de 1830; porque, comquanto na Allemanha os illustres pensadores elevassem a sua obra ao acumen da gloria, nessa época a communhão europea estava longe, mui longe de acompanhar a philosophia allemã.

A Allemanha trabalhava para a unidade; o occidente trabalhava para a liberdade.

Além o abstracto; aqui o concreto.

O ABBADE DE L'EPÉE

I

Em todo o tempo foram os surdos-mudos um objecto ou de horror ou de compaixão, conforme era menos ou mais esclarecida a humanidade. Cadáveres que atravessam o mundo, sem poderem transmittir aos seus irmãos os pensamentos que lhes refervem talvez no cerebro, sem terem do que os rodeia outras percepções que não sejam as que a vista lhes transmittir, os surdos-mudos inspiraram, como os cadáveres que dormem nos tumulos, compaixão ou terror supersticioso ás gerações, que se tem succedido umas ás outras sobre o solo do planeta que habitamos. Até o seculo XVI, nenhuma, contudo, quizeram admittir que esses entes vivos, sãos, robustos e intelligentes muitas vezes, a quem Deus estampára na fronte o estygma da morte, podessem gosar as regalias e os privilegios da humanidade. Mais ou menos respeitosos, mais ou menos compassivos, os legisladores repelliram sempre essas creaturas desherdadas da communhão social. A civilização antiga, ainda que chegada a um grão de esplendor e sciencia, a que em muitos pontos o nosso proprio seculo ainda não conseguiu attingir, não admittio ao seu banquete os infelizes sequestrados do mundo por uma enfermidade atroz. É esta uma das provas que mais vehementemente pugnam contra a illustração pagã. É o que demonstra claramente que a luz das civilizações humanas é sempre falsa e impura se no seu clarão deixar de conter uma parcella do esplendor divino. Emquanto o sol do Evangelho não brilhou sobre o mundo, emquanto a ardente caridade prégada por Jesus, do alto da sua cruz do Golgotha, não se inoculou, para assim dizermos, nas veias das gerações, todos os progressos do espirito humano foram apenas tactear de cegos nas trevas do erro. Que importa que a mão do cego empunhasse o facho, cujo esplendor dourava todos os objectos exteriores? O mundo material apresentava um panorama deslumbrante, mas o moral jazia em trevas; o sol do mundo interno não despontava ainda nesses rubros horisontes da Palestina. E contudo a philosophia grega e a philosophia romana, guiadas pelos maiores vultos de que a humanidade se gloria, tinham entrado quanto possível nos segredos da nossa natureza. Socrates, bebendo a taça da cicuta, glorificava Deus e a virtude, esse raio de luz celeste que anima o barro vil dos descendentes de Adão. O philosopho de Sunium prégava com as suas palavras de mel o culto da verdade, e o culto do bello que é da verdade o esplendor. Cicero, discipulo e admirador dos gregos, prestava á philosophia precursora do christianismo todo o fogo da sua eloquencia sem rival. Gregos e romanos, orgulhosos das suas infinitas escolas, dos seus infinitos systemas, derrubavam os deuses do seu Olympo e divinisavam a creatura. Julgavam ter dissipado completamente as sombras supersticiosas que entenebreceem a razão e a dignidade do homem. E a sua legislação, de que elles tanto se orgulhavam, a sua legislação que os Ciceros e os

Hortencios consideravam como a obra prima da intelligencia humana, excluía dos foros de cidadãos os surdos-mudos, inhibia-os de testar, de dispôr dos seus bens, de contrahir quaesquer relações sociaes, punha-os, emfim, numa condição ainda inferior á dos seus escravos, á dos parias da India, á dos ilotas de Esparta, excluindo unicamente dessas disposições absurdas os surdos de nascença, a quem a natureza concedera falla: *Si essim vox articulata eis natura concessa est.*

Porque motivo, pois, uma sociedade tão esclarecida, como essa era incontestavelmente, considerava como desherdados, pela Providencia, dos seus direitos de homens os infelizes que uma enfermidade privára do uso de alguns dos seus orgãos, quando a cegueira era, pelo contrario, conciliadora de veneração e de respeito para aquelles a quem ella affligia? É porque á sciencia desse tempo faltava a intuição ardente da caridade, porque ainda não aprendera com os discipulos do Evangelho a ir ao encontro do soffrimento, e a dizer aos desgraçados, aos indigentes, aos pustuientos, aos leprosos: *Levantaes-vos, porque o vosso padecer dá-vos duplicadamente foros de meu irmão.* Porque Jesus, o divino mestre, rodeiava-se dos pequenos, dos humildes, dos desprezados, enxugava-lhes meigo e compassivo as lagrimas dolorosas, e dizia-lhes: *Bemaventurados os que choram! Beati qui lugent.*

Na idade-media a condição dos surdos-mudos foi ainda mais afflictiva. A barbaria reinava em toda a Europa, e o christianismo, apesar da sua omnipotente influencia, não ousava combater as superstições profundamente arraigadas no espirito inculto dos invasores do imperio romano. A enfermidade dos surdos-mudos foi, como a lepra, considerada um castigo da Providencia. Os infelizes viam arredarem-se todos delles, e mesmo as portas do templo raras vezes se descerravam para lhes darem abrigo. Desamparados, morriam sem terem conhecido uma só das alegrias do mundo, sem terem mesmo quem tentasse explicar-lhes uma só das maravilhas que os rodeiavam. Comparsas infelizes no drama da existencia appareciam na scena do mundo, contemplavam com admiração as prodigiosas decorações, e desappareciam sem que podessem perceber mesmo o que era esse espectáculo brilhante que se desenrolava diante delles. O leproso tinha ao menos a consolação de desprezar aquelles que o desprezavam: intelligente e activo podia encerrar-se na consciencia do que valia, refugiar-se na cynica misanthropia dos Diogenes; humilde e religioso podia elevar o espirito a Deus, e nas visões das suas noites solitarias appellar da sentença dos homens para a sentença do Evangelho, e repousar a cabeça fatigada no meigo collo de Jesus.

Mas o surdo-mudo! a lepra, que o devorava, esterilisa-lhe a intelligencia, cerrava-lhe não só as portas da sociedade, mas tambem as portas do mundo moral. A consciencia não lhe era abrigo, porque ninguem lhe proporcionára os meios de perceber essa voz intima e consoladora, na reli-



O abbade de L'Epée

gião não encontrára consolações porque não sabia que balsamo era esse; para Deus não appellava porque nem esse mesmo raio de luz lhe sulcava as trevas. O surdo-mudo, o proscripto da humanidade, só muito por instinto poderia ter a vaga percepção do Creador.

Finalmente, no seculo XVI entreluzio para os infelizes um vago clarão de aurora. Dissiparam-se as trevas; a sciencia renascia por toda a parte, e a religião, se por um lado se deixava desvairar pelas tentações do fanatismo, por outro lado comprehendia a sua missão humanitaria. A esperança para os surdos-mudos raiou na cella dum mosteiro. Um anjo baixou talvez numa daquellas visões douradas dos ascetas a illuminar a mente dum benedictino hespanhol do convento de Sahagun, no reino de Leão. Chamava-se o douto frade Pedro de Ponce.

(Continua)

BUSSACO

Salvè sacrario de poesia religiosa, exclamei ao transpôr a portada da cerca. Parei absorto a olhar para a sumptuosa verdura em que a terra

de Bussaco se desata, sem atinar palavras para o que sentia.

Tinha em frente uma alameda frondosissima, onde não penetrava no mais alto do dia uma unica rêssea de sol; de sorte que reinava cá por baixo uma penumbra de enlevar a alma. Para a esquerda desta alameda ia subindo a escarpa de uma serrasinha atapetada de relvas, e revestida de matagal de adernos, lentiscos, e pascoinhas. As altas arvores, nunca mutiladas, penduravam dos seus corpulentos braços uns azerves, ou cortinados naturaes, de mil enleiadadas trepadeiras das quaes apenas conheci as auroras e as heras. Faziam caramancheis de verdura, cujos caniçados, a natureza, espontanea jardineira, engendrara dos arbustos mais altos.

Para a direita um verdadeiro pego de folhagem, onde, como em revoltas cachoeiras, se elevavam montezetes vegetaes, precipitando-se para cima dos cumes dos mais arbustos. Era um vallado; mas tão emmaranhado de sarças silveiras e tojal, que julgarieis antes um campinho relvoso, onde escorriam as vertentes das serras daquem e dalem.

Os liames do povoado vegetativo, faziam, como as habitações á volta da cathedral, um ajuntamento enredado, trepando pelo tronco, ramos e esgalhos do colosso. Deixayam-se pender das alturas sobre as companheiras, como turba de crianças a folgar no bosque.

Carambinas verdes caíam da mais alta ramagem das arvores, e vinham formar por sobre o matagal virgem, amenissima arcaria gathofeada de muitas aves palradeiras.

É riquissima a entrada de Bussaco. Digno portico d'aquelle *civ occulto na terra* como lhe chamava o donoso chronista da ordem.

Antes de verdes as pinturas do convento que vos ordenam silencio na figura de dois frades com o dedo na boca, antes mesmo de admirardes esse preceito imposto como penitencia aos moradores da cerca, começaes logo ao entrar por aquellas fechadissimas arboledas a cumprir sem mandado essa condição impreterivel para a admissão no mosteiro dos frades dos outros conventos de Portugal.

Que ha de dizer o homem ante a magestade de Deus? Nem exclamações de entusiasmo, nem poemas apaixonados se atrevem ao levantado do assumpto. Ali nos veem tentações de ajoelhar e humilhar-nos a contemplar uma das mais admiraveis manifestações do poder sublime do Creador. Oh! mão portentosa que, ao mesmo tempo que estás fazendo o maximo, te não deslembras do minimo; levantas pelos ares o teixo e o carvalho, constroes para a formiga as suas galerias subterraneas, as suas salas e celleiros.

O minimo! Mas nós, cegos dahi para diante, na escala dos entes, não vemos, o que talvez a formiga vê no seu universo limitado; não vemos outros entes que nascem, vivem e morrem, como nós outros os que nos appellidamos reis da criação; e que, para o homem, só de provavel existencia, existem na verdade, e povoam um mundo diminutissimo, onde os infimamente pequenos d'elle, avistam no seu ainda mais infimo mundinho, outros que na infinita cadeia da criação se vão apoucando em dimensões, mas augmentando para o philosopho e para o poeta em valia como mostradores da omnipotencia Divina.

Este livro é um repositório de todos os sentimentos que as scenas da natureza despertaram na minha alma e no meu coração. Deixae-me dizer-vos os pensamentos que me assaltaram naquelle momento.

Pensei que, se este arrasado que eu construia para o minimo, o armasse a partir do homem para o maximo, nos fazia quasi sumir e desaparecer dentre a cadeia de entes que povoam o universo. Para além desse espaço illimitado como lhe chamaram os astrónomos, porque não heí de eu suppor a existencia de um mundo... (Como heí de eu dizer isto, que tão bem comprehendia entre as arvores de Bussaco) de uma criação para a qual a nossa fosse, como para este universo em que vivemos o é o curtissimo viver da formiga, e a sua acanhada monarchia?

Nós aspiramos e expiramos miriades de ani-

malculos. Quem sabe se para outros entes não seremos nós tão pequeninos como esses animalculos o são para nós?

Mas como só escrevi isto para mostrar a impressão de aviltamento que em mim produzio a grandeza magestática daquelle vegetar pasmoso, ponho ponto ao meu entresonhar desperto.

Naturalissimamente, depois desta serie de pensamentos, me veio á idea a vida eremitica dos bons monges do mosteiro de Santa Cruz do Bussaco. A paz interior que os bafejava, a alegria celestial que os banhava de suavissima consolação, o silencio a que se votavam, as humiliações a que se expunham por mortificarem a carne e levantarem puras as almas a Deus, tudo aquillo, que tão singela, e, por isso mesmo, tão admiravelmente nos refere Frei João do Sacramento na sua *Chronica dos carmelitas descalços*, me acudio ao espirito e me fez amar a ordem que assim comprehendia em parte o que se chama poesia contemplativa. Senti vagos desejos, tão afastado me achava do prosaico viver dos povoados, senti desejos vagos de, se o pudesse, me transportar cem annos atraz ao abençoado tempo em que aquelle eremiterio florescia com todas as suas virtudes.

Emquanto eu já philosophando á orla do caminho, emquanto aquellas arvores, aquelles estrados vestidos com a pompa dos relvedos, aquelles valles escuros, e cheios de grutas mysteriosas papiadas do cantar dos passarinhos occultos sob as folhas ou nalguma flor, em quanto isto tudo se me convertia em delicias para o coração, tinha dobrado o cotovello da estrada que leva ao convento, o carro em que iam os meus companheiros. Corri, e a pequena distancia, encontrei-os de novo. Tornei a sentar-me na diligencia quando D. A. A. P. me perguntou:

— Que tem? chorou?...

Só então reconheci que insensivelmente me haviam apontado as lagrimas aos olhos. A muita felicidade em mim produz esse effeito. A nossa recepção tão amiga e agasalhada na casa de C. C. B., fez-me chorar; chorei na Portella do abbade; e chorava agora no Bussaco.

E que tem isso? O coração sente e commove-se assim nas dores como nas felicidades.

O coração é como a noite; tem o seu orvalho que o beneficia e vivifica.

Chegámos ao convento. É todo elle de uma pobreza austera. Tres degrãos levam a um atrio quadrado mas pequeno, onde campeia tosca e hoje vestida de hera a Cruz do Salvador. A frontaria do convento é de cascalho sem a minima cantaria. Depois ha um cubiculo com tres degrãos para o atrio, e uma porta em frente que leva ás cellas e claustros. A direita uma fresta que diz para a capella.

O resto do mosteiro é acanhado. Os tectos baixos, pouca luz, nenhum adorno.

Os seus antigos meradores, os eremitas de Santa Cruz, não faziam d'elle casa de regalo, mas sim lugar de penitencia. Para o corpo não se buscavam delicias, antes se inventavam cilícios; o es-

pirito deixava-se, como borboleta, voar para as alturas em busca da sua luz, o Creador. As cellas estreitas, tem um vão na parede que era a um tempo guarda roupa e copa. Um postigo abria para a cerca, ecoava mais o cantar das aves e o silencio das moitas, que o ar e o sol. Na igreja ha apenas para mencionar tres imagens: a da Magdalena, a de Christo e a de S. Pedro. Nada direi sobre ellas. Fizeram-me uma impressão arrebatadora; mas se quereis saber o que sentirieis se as visseis, ide ler as paginas em que nellas falla o meu amigo sr. Bulhão Pato no seu livro *Digressões e Novellas*. Deixámos o nosso nome de visitantes no album que nos apresentou o sacristão, e resahimos para a cerca.

(Continua)

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

(Vid. pag. 34)

II

A tomada do Collioures

No dia 25 de novembro de 1793 chovia agua a cantaros. Corria o Tech torrentuoso e sombrio. Com o estampido do trovão confundia-se o rugido da artilheria que trovejava desde pela manhã. A ponte monumental de Ceret desenhava na atmosphera nebulosa a curva arrojada, que os relampagos do céu e o fusilar dos canhões lambiam de quando em quando com as suas linguas de fogo livido. A pobre cidadinha, muda e aterrada, esperava que se decidisse o duello travado entre as forças francezas e hespanholas que disputavam a posse dos reductos, que lhe erriçavam as penedias dos arredores. Era esse ponto de Ceret a comunicação do acampamento do exercito hespanhol com a sua patria; todas as outras comunicações estavam interceptadas pela inundação. Por isso o velho e incansavel general Dagobert se obstinava em cortal-a, por isso o general conde de la Union se obstinava em repellir os ataques dos republicanos.

O dia estava triste, e esse tiroteio de artilheria, sem despertar a actividade dos soldados, sem lhes exaltar o animo com a perspectiva da batalha, não fazia senão carregar de mais lugubres sombras o quadro funebre desse inverno passado longe dos lares, no meio dos horrores da guerra e da intemperie das estações. Os soldados hespanhoes sentiam o desalento, e o canção; não os inebriava o entusiasmo da liberdade, a defesa da patria ameaçada, o orgulho de luçtarem com a Europa inteira, como succedia a esses heroicos recrutas que tinham na sua frente. Estavam ali simplesmente cumprindo um dever, sem perceberem mesmo a causa que defendiam, e esse dever militar, cumprido á risca, era tão mal recompensado pelo descuidoso governo de Madrid, deixando-os privados de objectos de primeira necessidade, que estes tristes quadros de guerra invernal, fria, lugubre e mortifera, entenebreciam-lhes o espirito, e mingüavam-lhes a coragem.

Apesar da chuva, o conde de la Union, inquieto pela responsabilidade de seu commando, conservava-se a cavallo, envolto numa capa, numa emnencia donde podia ver uns vinte atiradores catalães, avançando, a abrigo dos accidentes do terreno, contra uma pequena columna franceza, que parecia querer praticar um reconhecimento. Alguns officiaes do seu estado-maior rodeiavam-no, tremendo de frio nos selins dos seus cavallos, que abaixavam tristemente as orelhas debaixo da chuva gélida que lhes escorria do lustroso pello. A tarde ia declinando, e a escuridão invernosa, cerrando-se mais e mais, annunciava a approximação da noite. Nisto apparece um ajudante de campo vindo a todo o galope do lado de Hespanha, sofria a dois passos do general o cavallo que, animado pela corrida, e não podendo continual-a, se empinava tentando resistir á mão firme do joven official hespanhol, e inclinando-se ao ouvido do conde de la Union, depois de o cortejar tirando o chapéo, diz-lhe duas palayras em voz baixa. Logo a physionomia do general hespanhol se desenruga, levanta a cabeça como que reanimado, e, voltando-se para os officiaes do seu estado-maior, diz-lhes, com um sorriso:

— Meus senhores, grande nova! Chega hoje a Ceret a vanguarda da divisão auxiliar portugueza, que ha tanto tempo nos estavam annunciando de balde.

— Contanto que a tal divisão auxiliar se não desfaça em fumo, como todos os outros soccorros que os ministros de Sua Magestade não cessam de dizer, que nos enviam, — acudio a meia voz um dos seus ajudantes. Parece que as neves dos Pyreneos tem a singular propriedade de derreter homens, cavallos, e munições que o senhor duque de Alcudia nos está enviando a cada passo.

Os outros officiaes sorriram-se, mas o conde de la Union, que ouvira, voltando-se severamente para o seu ajudante, disse-lhe com eníphase:

— Outra propriedade tem as neves dos Pyreneos, e é cederem debaixo dos pés dos hespanhoes que retrogradam, e sepultarem-nos, assim que lhes entra no espirito a idea da fuga. Não precisamos de homens nem de cavallos; munições temos as do inimigo. Se folguei com a chegada da divisão portugueza, foi porque muito me lisongeu o ter que fazer as honras do campo de batalha a uma nação alliada e amiga. E espero que a artilheria dos nossos vizinhos sirva apenas para celebrar as exequias da republica franceza.

Esta fanfarronada fez emmudecer os ajudantes sem lhes inspirar, segundo parecia, uma profunda convicção.

O general, depois de fechar com a palma da mão os tubos do oculo com que observava a retirada da columna franceza, deu ordem de cessar o fogo, e de entrarem as tropas nos quartéis, recebeu as participações dos chefes subalternos, que voltavam a galope de todos os pontos fortificados, o brigadeiro D. Gregorio de la Cuesta (o mesmo que depois se havia de deixar bater tantas vezes á testa dos exercitos da Hespanha revolucionada,

pelos generaes de Napoleão), o coronel do regimento de Sevilha, conde de Xevans, o sargento-mór dos granadeiros de Castella D. Juan Obregoso, o sargento-mór de infantaria de Hespanha D. Luiz de Aragon, e rodeiado por elles e por um brilhante estado-maior de ajudantes de campo, dirigio-se caminho da Catalunha ao encontro das columnas portuguezas.

Não teriam andado duzentos passos quando avistaram ao longe um outro grupo de officiaes-generaes. Hespanhoes e portuguezes metteram a galope, conservando-se dum e doutro lado os estados-maiores alguns passos á rectaguarda dos generaes em chefe, e, quando se encontraram, o conde de la Union apertou cordialmente a mão a um velhinho, esperto e activo, de nariz proeminente e um tanto grosso na extremidade, barba levemente revirada, labios delgados, olhos vivos e ainda ardentes, fronte espaçosa, que montava a cavallo, senão com a firmeza, ao menos com a elegancia dum rapaz de vinte annos.

— Por ordem que no acampamento de Rosas recebi do general commandante em chefe do exercito do Roussillon, o excellentissimo senhor D. Antonio Ricardos Carrillo, disse o recémchegado depois de trocados os primeiros cumprimentos, venho pôr á disposição de v. ex.^a, senhor conde, a divisão auxiliar portugueza, á excepção do primeiro regimento do Porto, que, por ordem do mesmo senhor, foi destinado a embarcar na expedição maritima projectada contra Banyuls. Traço comigo quatro regimentos, que chegam extenuados da marcha pelas montanhas, e repassados pelas chuvas; outro regimento, o de Peniche, deve chegar hoje ou amanhã. Queira v. ex.^a collocar-nos sempre na vanguarda, e verá que os meus soldados saberão merecer desde já a confiança do seu chefe.

— É tradicional em Hespanha, senhor tenente-general, acudio cortezmente o conde de la Union, o valor dos portuguezes. Como inimigos e como aliados os respeitámos sempre. Teve de bom a revolução franceza o ensinar povos irmãos a olvidarem as suas rivalidades para se reunirem contra esses monstros inimigos dos thronos, dos altares e da humanidade. E para lhe provar, senhor general Forbes, a confiança que deposito nas tropas do commando de v. ex.^a, já hoje as empregarei num ataque ás linhas francezas, que me foi ordenado emprehender esta noite, se por acaso, acrescentou o conde, não veem os seus regimentos de tal modo fatigados que não possam tomar parte nesta expedição.

— Estão promptos sempre os regimentos portuguezes para entrarem em fogo, acudio o velhinho, um pouco seccamente; porque não deixara de se espantar dessa entrada repentina em campanha sem lhe conceder um momento de descanso.

Depois veio a apresentação reciproca dos chefes portuguezes e hespanhoes. A todos os generaes da divisão auxiliar achou o conde de la Union alguma palavra agradavel que dirigir, cumprimentando a uns pela sua gloria pessoal, a outros

pela dos seus antepassados. Quando saio dentro o grupo que rodeiava o general Forbes um moço official de trinta e quatro ou de trinta e cinco annos, de altivo e ao mesmo tempo melancolico semblante, respirando energia intelligente, o velho general apresentou-o ao conde dizendo apenas, mas num tom que mostrava profunda consideração pelo apresentado:

— O senhor coronel Gomes Freire de Andrade.

— Ah! disse o conde de la Union estendendo cordialmente a mão a Gomes Freire, o nosso heroe de Oczakoff. Bem vindo seja. Andou em boa escola, e ensinará aos nossos soldados como se sóbe a um assalto. É v. s.^a um verdadeiro cruzado. Vem de combater os Turcos e passa a combater os atheus.

Gomes Freire cortejou, sorrindo-se.

Acabavam de se trocar estas poucas palavras quando assomou ao longe a vanguarda do regimento de Olivença, que tinha sido precedido pelos generaes para cumprimentarem mais depressa o commandante hespanhol. Os dois estados-maiores afastaram-se, e o conde de la Union, tendo ao seu lado o general Forbes, vio desfilar com evidentes mostras de satisfação esses quatro magnificos regimentos, que deviam dahi a poucas horas receber o baptismo do fogo.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Fr. Francisco do Monte Alverne. Obras oratorias, 4 vol. em 4.^o Editor o Sr. Bartholomeu Henrique de Moraes. Porto.

Será agradavel sem duvida a noticia de que esta obra está quasi terminada. No Brazil tambem ha escriptores excellentes; mas as edições feitas neste Imperio ficam por um preço tão elevado, que afugentam os desejosos de as possuirem. E' pois um util serviço o de reproduzir em Portugal os bons livros brazileiros, e tal é a empreza que no Porto tomou a seu cargo o Sr. Bartholomeu. Principiou pelas obras do franciscano Monte Alverne (talvez o Vieira brasileiro); tem já em via de publicação o Vocabulario brasileiro de Braz da Costa Rubim; e dentro em pouco vae principiar a reimpressão da Historia do Brazil pelo Sr. Varnhagen. Quem deixará de agradecer ao editor o proporcionar por modico preço a aquisição de tão excellente obra?

Fevereiro de 1867.

M. B. BRANCO.

Consideremos os mortos como ausentes: pensando assim não nos enganaremos; deixamol-os caminhar adiante de nós, mas reunirmos-hemos breve a elles.

Ha certos homens que não são do seu seculo, nem do seu paiz.

VOLTAIRE.